

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A presença feminina de ascendência portuguesa na cidade de São Paulo: trabalho, sonhos e esperanças (1925-1945)

Terezinha de Jesus Lopes Barbosa Gerolamo*

Resumo: Ressalta-se neste estudo a importância feminina e, mais especificamente, a condição da mulher ao longo das gerações de origem portuguesa, abordando-se o nascimento das filhas brasileiras ocorrido no período de 1925 a 1945. Busca-se contextualizar econômica, política e socialmente Portugal, local de onde partiram a primeira geração. Utiliza-se a fonte oral como suporte, da mesma forma que a historiografia como pano de fundo. Investiga-se a trajetória de vida dos pais, dos avós e das próprias depoentes, partindo-se da procedência dos seus pais, da sua fixação no Brasil, em particular na cidade de São Paulo, dos locais de moradia, da escolarização, da religiosidade, do trabalho extradoméstico, do lazer, das relações e da mobilidade social desses sujeitos históricos.

Palavras-chave: Mulher – Memória – Imigração.

Abstract: This study stresses out the feminine importance and, more specifically, the condition of Portuguese origin woman along the generations, approaching the birth of Brazilian daughters that took place in the period from 1925 to 1945. We try to contextualize Portugal under economical, political, and social optics, a place from where the grandparents and the parents. The oral source is used as support, in the same way as using historiography as a backcloth. The life path of the parents, grandparents and the own witnesses is investigated, starting up from their parents' origin, their fixation in Brazil, specifically in the city of São Paulo, home places, education, religiosity, extra-domestic work, leisure, relationships and social mobility of those historical subjects.

Key Words: Woman – Memory – Immigration.

Na virada do século XIX para o XX e nas primeiras décadas deste, nas zonas rurais de Portugal as difíceis condições de vida geraram a proletarização, que não só engrossou as fileiras dos que não possuíam terras, como também promoveu a emigração maciça, principalmente da região de Trás-os-Montes, local de onde partiram os genitores de parte das mulheres cujos depoimentos são aqui considerados. Portanto, “a migração sazonal não era uma fuga da família de agricultores, mas sim uma condição de sobrevivência da mesma” (HABAKKUK apud BRETTELL, 1991). A alteração do modo de vida dos habitantes dessa região é, em grande parte, responsável pelo fato de se apresentar, atualmente, como uma das áreas com mais baixa densidade populacional. (TABORDA, 1932)

No período de 1911 a 1927, Portugal passou por instabilidade política, perseguições, mortes e deportações. Para fugir dessa situação, vieram para o Brasil os ascendentes das depoentes que fazem parte desta pesquisa. Eles buscavam ascensão social, reconhecimento

* Mestre em História Social, PUCSP

peçoal, estabilidade, alimentação, vestuário e moradia, pois estavam fugindo da fome e procurando suprir suas necessidades básicas, uma vez que o país de origem não lhes dava condições para poderem se manter.

Quando rapazote, o pai de Fátima (2004) trabalhou intensamente nos vales rochosos de Portugal e presenciou a perda da pequena propriedade paterna, assim como o desgosto dos pais. Quando surgiu a oportunidade de emigrar para o Brasil, por intermédio da carta de chamada de uma tia, o fez sem vacilar. Enquanto a mãe veio conduzida por um tutor, que a entregou aos familiares instalados em São Paulo, que haviam prosperado em seus pequenos negócios.

Havia dificuldades para os emigrantes se locomoverem das regiões distantes dos portos; o transporte variava mais entre a besta e o carro de tração animal, mas muitos também seguiam a pé. Partia-se da aldeia para uma estação de trem, por meio da qual se atingia um dos portos de embarque transatlântico: Leixões, Porto ou Lisboa.

Enquanto isso, em Portugal, as mulheres desempenhavam um importante papel nas tarefas agrícolas, umas porque assumiam o papel do marido emigrado ou falecido, outras porque tinham que auxiliar os pais a administrar os negócios. A mulher, segundo demonstra a literatura, apesar de exercer grande influência sobre a família, sempre ocupou um papel secundário na sociedade, em particular na portuguesa. Mesmo as feministas são percebidas como moderadas e pacíficas, não oferecendo “perigo” à primazia masculina.

Em vista disto, o comportamento participativo da mulher também no que se refere à política seria repellido, assim como qualquer manifestação feminina nesse sentido. Desse modo, sem a possibilidade de expressarem as suas conjeturas, as avós e mães das entrevistadas não gostavam de falar ou de saber de política. À mãe cabia, como em outras gerações, desempenhar o seu papel doméstico no lar e estar ao lado do seu companheiro.

Portanto, mesmo sabendo que o trabalho era uma forma de emancipação feminina, apesar de também ser a sua maior opressão, unindo-se à autonomia pessoal, financeira e psicológica, a mulher acabava direcionando a sua vida para o aspecto afetivo, estando condicionada a ver no casamento o seu futuro socialmente aceito e o seu meio de subsistência. Dessa forma, por um lado, as mulheres preservaram a cultura e as tradições e, por outro, adaptaram-nas de acordo com as mudanças que a nova terra lhes proporcionou. A mente aberta para outras culturas possibilitou-lhes incorporações à sua, transformando-as em novos agentes sociais.

Os avós das entrevistadas vieram para o Brasil, em sua maioria, conforme registram suas Certidões de Desembarque, de 3.^a categoria. A eles era exigido passaporte, ao qual

deveria estar anexada uma carta de chamada ou um contrato-promessa como colono ou como trabalhador.

Pode-se afirmar que a expansão capitalista contribuiu para a imigração. No Brasil, enquanto houvesse carência de mão-de-obra, tudo se fazia para que os estrangeiros dividissem a ilusão que se encontra na base da imigração, ou seja, a oferta de prosperidade, fartura e moradia, a satisfação de necessidades básicas e a realização de “sonhos”. Esse contingente era necessário para a economia, para a demografia ocupacional e, até mesmo, para o branqueamento paulista. (BEIGUELMAN, 1983)

A imigração portuguesa teve como características a concentração nas áreas urbanas e a dedicação a serviços urbanos – como os desenvolvidos por calceteiros, motoneiros, cobradores e fiscais – e a atividades do comércio e da indústria. A partir de 1930, passou-se a considerar a atividade industrial superior a da lavoura e a do comércio (FAUSTO 1998). No âmbito econômico da década de 1930, o governo pôs em circulação cada vez mais crescente a sua intervenção, com o propósito de acelerar o processo de industrialização.

Embora a cidade de São Paulo estivesse se modificando rapidamente, atividades como o cultivo de flores era mantido. Ainda existiam “as chamadas pequenas oficinas caseiras, nas quais muitos portugueses exerciam atividades como carpinteiros, ferreiros, ourives, sapateiros, calígrafos, alfaiates, seleiros, gravateiros”. (MATOS, 2000:78) Havia também os que saíam às ruas para oferecer os seus serviços, “como os empalhadores de móveis, capinadores, jardineiros, pedreiros, pintores, leiteiros, verdureiros, peixeiros, floreiros, o ‘afiador’ de objetos laminados, tintureiro, baleiro, doceiro e o cesteiro de vime” (AMERICANO, 2004:103-112).

Para amparar sua família, o imigrante português teve que realizar atividades diferentes daquelas que antes executava, conforme relata a depoente Viga (2005): “A profissão dele (do pai) era carpinteiro, ele já veio de Portugal como carpinteiro. Ele, no Brasil, até trabalhou naquela empresa de ônibus da CMTC como fiscal.”

O bairro onde as entrevistadas nasceram e viveram parte da infância se situa nesse continuum da atividade de seus habitantes como local de dimensões vivenciadas do espaço. As delimitações entre os espaços público e privado se processam pelo fluxo de contatos e pelas trocas das forças psico-sociais. (VERÁS, 1991)

Nigriello (1987:160) afirma que a demolição é uma “perda da memória do espaço construído, cuja importância não se limita ao patrimônio histórico de valor arquitetônico, mas abrange todo o tecido urbano, enorme patrimônio da comunidade”. Nesse sentido, pode-se

afirmar que a história do bairro está intimamente ligada à história da cidade de São Paulo, à história de vida de cada pessoa, aos relacionamentos sociais e aos vínculos afetivos.

O avô de uma das depoentes, ao fixar residência em uma comunidade portuguesa que manifestava a sua consagração a Santo Antônio¹, passou a contribuir para a decoração da igreja e para os festejos com sua oferenda mais preciosa, as flores que cultivava, conforme afirma sua neta: “Ele tinha mão boa e sempre cuidou para que não faltassem flores tanto na igreja como nas festas. A principal era a de Santo Antônio [...]” (Clarinha, 2005)

Acredita-se que as paróquias uniam, intencionalmente, a fé e o lazer. Compreende-se que as atividades advindas do pároco local mesclavam religiosidade e diversão, o que poderia ser justificado afirmando-se que tudo é proveniente de “Deus”, a alegria, a dor, a tristeza, a oração, o agradecimento pela própria vida e a aceitação da morte. Assim, pode-se considerar que o sentimento de pertencimento estava presente nos hábitos, nas moradias e nas relações pessoais de cada um dos lusitanos.

A própria política imigratória de organização dos estrangeiros em unidades familiares favoreceu o lugar de seus alojamentos, fazendo surgir bairros com caráter de parentela coesa e justificando o estreitamento dos vínculos “comunitários” – a conterraneidade, a língua, os hábitos alimentares e a cultura, estão expressos nas reminiscências das entrevistadas: “Eram todos parentes, tios, avós, primos, parentes dos meus pais.” (Clarinha, 2005)

As mudanças de bairros constantes das depoentes e o ajustamento a novas situações são os resquícios do passado que proporcionam reflexões para o presente. A memória incita-as a reviver as representações mais significativas e, estranhamente, leva-as a esquecer aquilo que não precisam recordar. (BOSI, 2003)

Os elos que foram construídos pelos imigrantes portugueses estavam além do espaço físico propriamente dito. Entre eles havia ligações profundas emanadas pela fé, amizade, laços afetivos, parentescos e trabalho. Estavam sempre envolvidos por várias maneiras de ser e agir e tinham em mente uma mesma idéia: trabalhar é preciso, não importa no que ou onde.

Clarinha (2005) descreve o novo local de habitação de sua família: “O meu pai e o vô diziam que o lugar era um campo, um campo imenso, não havia tantas casas e para a minha mãe era um vilarejo, com poucas casas, muito descampado.” Os avós e pais das

¹ A Igreja de Santo Antonio do Pari foi fundada em 1914, seu primeiro pároco foi o Frei José Rolim. O senhor Arthur Vautir, proprietário de muitos terrenos no bairro, observando o dinamismo do frade português, fez doação de um terreno para a construção da igreja, sendo entregue ao culto divino em 13 de julho de 1924.

depoentes, uma vez que provinham de uma tradição de desbravamento, sentiram-se estimulados a se apropriarem desses locais distantes.

Fátima (2004), assim como as demais entrevistadas, gostaria de ter continuado seus estudos, mas seu pai preferiu que ela ingressasse no mercado de trabalho para ajudar nas despesas familiares. A educação traz consigo a valorização das qualidades e faculdades femininas, ainda que, no aspecto tradicional, tivesse apenas a função de fortalecer a mulher em seus papéis sociais de esposa, mãe, dona-de-casa e filha (PRADO, 1995).

As filhas mostram-se ressentidas com relação à decisão de proibir a continuidade de seus estudos, como Glorinha (2005) esboçou: “mas o meu pai não me deixou continuar a estudar”. Ainda que os pais acreditassem que o curso primário fosse suficiente para as filhas, a presença feminina continuava a marcar espaços nas demandas escolares.

Segundo Thomson (1997:56), “compomos nossas memórias para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. Nesse sentido, passa-se a elaborar um passado, de forma que se possa conviver com as lembranças e esquecer o que parece insignificante ou de convivência não suportável. São esses processos inconscientes e conscientes que tramam a memória e possibilitam a sua escrita.

As entrevistadas executam trabalhos domésticos desde a infância, se ocupavam dos afazeres do lar. Depois que dominavam a tarefa de arrumar a casa, aprendiam também a costurar, a bordar e a tomar conta dos irmãos menores, pois todas essas atividades deveriam fazer parte do aprendizado da mulher.

De certa forma, os empregos se apresentavam como a extensão do trabalho doméstico. Em casa, Clarinha (2005) dobrava roupas de vários tamanhos; no trabalho o movimento era o mesmo. “[...] Na Cartonagem eu dobrava caixas de papelão de todos os tamanhos, pequenas ou grandes. Depois de dobrar, eu as forrava com papel colorido [...]”

Quanto ao primeiro emprego, Glorinha (2005) expõe: “A minha irmã que estava trabalhando na tecelagem Mariângela Matarazzo me levou para trabalhar lá.” A indicação era uma prática comum até para os próprios imigrantes portugueses, que, muitas vezes, vinham ocupar funções no Brasil que haviam sido recomendadas por algum parente ou conhecido. Podia-se, assim, possibilitar aos familiares da terra natal certa segurança quanto ao local de trabalho e ao paradeiro do seu descendente em terras de além mar.

Além da tensão do próprio trabalho, havia a inspeção contínua do chefe. Pode-se perceber que “às mulheres cabia a execução do trabalho delicado, fácil, que não requeria força física ou capacidade de liderança no seu desempenho. No máximo, lhe era exigido paciência e

atenção” (RODRIGUES, 1979:108). Nessa divisão de trabalho, o gênero masculino era representado pelo chefe, mestre ou ajudante que detinha o conhecimento especializado e a liderança.

As tarefas das tecelãs eram repetitivas e monótonas, e o aumento da produção decorria da mera prática no desempenho junto ao tear. Em suas reminiscências buscam detalhes quanto ao modo de operar o tear, destacando o uso de teares elétricos: “[...] o tear era como uma máquina elétrica que a gente ligava e ia tecendo.” Este tipo de aparelho, em sua versão elétrica, provavelmente, acelerava a produção, principalmente dos tecidos leves, tais como a seda e o algodão. Havia, ainda, outra inovação: a possibilidade de se trabalhar com uma única cor ou com diversas cores.

Considera-se, portanto, que a mulher seguia os mesmos caminhos do contingente profissional da sua época. Ao se tornar uma tecelã, ela acabava seguindo o papel feminino considerado adequado pela sua família. O setor têxtil cresceu em torno de 81%, com 236% dos capitais investidos neste campo, de 1940 a 1950. (CARDOSO, 1960)

Entre 1960 e 1964, ocorreram muitas greves, tidas como importantes pela imprensa, uma vez que por meio delas foi possível exigir concessões junto ao presidente da República.² No entanto, Fátima (2004), ao declarar que nunca pertenceu a nenhum sindicato, demonstra que esta relação operário(a)-sindicato-reivindicações-greve estava distante do cotidiano das trabalhadoras comuns, talvez porque estas não tivessem representantes na confecção ou porque ignorassem esta questão de política sindical.³

Relatando sobre os ensinamentos passados de geração a geração, Helena (2005) afirma: “Os meus pais sempre nos ensinou a sermos honestos, sinceros, não mexer em nada sem pedir, trabalhar muito [...]”. Assim, seu depoimento projeta a insistência em transmitir determinados valores aos filhos, pode-se supor, ainda, que o fato de a depoente não querer abandonar a casa paterna fosse algo que se trouxe impregnado na estrutura psico-social e que foi sendo elaborado durante vários anos de forma inconsciente.

² Ler: ERICSON, K. P. *Sindicalismo no processo político no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.138-163. LEITE, M F. *Sindicatos e trabalhadores na crise do populismo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Campinas, UNICAMP, 1983.

³ Em 1960 é fundada a Liga Feminina do Estado da Guanabara. Neste período, as mulheres enfrentavam problemas como a carestia, a falta de água, o despejo, defendiam a infância e a maternidade. Em 1963, realizou-se o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora, sendo defendido o salário igual para o trabalho igual. TELES, M A A. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993. Após 1964, essas associações femininas praticamente silenciaram-se, porém, desde o fim do séc. XIX e durante o séc. XX, elas estiveram presentes, seja por meio das idéias abolicionistas ou republicanas. HANNA, J. E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

A diversão em casa, conforme relatam as depoentes, era composta de contos, música, anedotas, dança e fatos cotidianos que ganhavam representação simbólica na voz daqueles que os contavam. Nestes momentos formava-se uma rede de sociabilidade, uma vez que envolviam, além dos membros da família, vizinhos, amigos e patrícios.

As telas de cinema também proporcionavam divertimento às depoentes quando jovens. Nas décadas de 1940, 50 e 60, assistiam-se aos filmes nacionais produzidos pela Atlântica e Vera Cruz, entre outras. Os cinemas representavam também um ponto de encontro, onde as relações sociais se propagavam, devido à sua acessibilidade e linguagem.

A “memória é o campo de nossa reflexão e diálogo” (FENELON, 2004:6). Quando Helena (2005) afirma que a religião para ela e para a sua família “significa tudo”, ela dialoga, do ponto de vista da sua situação atual como religiosa, com o rigor da sua ordem cristã e com as suas recordações, refletindo sobre a importância do amor a Deus para o ser humano. Glorinha (2005), por sua vez, relata: “Nos fins de semana, eu só trocava a roupa para ir à missa, até hoje vou todos os domingos à missa, é um hábito.” O hábito, portanto, faz os devotos perpetuarem as tradições inventadas. A ele pode-se atribuir um sentido amplo, pois inclui tradições idealizadas, construídas e formalmente institucionalizadas que se fazem presentes em práticas comuns no cotidiano das pessoas. (HOBSBAWN, 2002)

A religião se torna sublime, mesmo frente à ciência, com seus métodos e conclusões, revelando-se detentora da sabedoria de como as coisas funcionam. (ALVES, 1984) Estas palavras estão reproduzidas em cada afirmação das entrevistadas e, segundo as suas próprias convicções, representam à tradição e o pertencimento à mesma essência, o ser português. Pode-se afirmar, assim, que onde está à esperança está também à religião, e o português, arrojado e esperançoso, não deixa a religiosidade de lado, transmitindo-a propositadamente de geração a geração, como um dever, uma obrigação.

Dessa forma, seguiram a tradição familiar e a cultura lusitana, valorizando certos princípios de linhagem, como a dependência, o recato, a submissão e o companheirismo. Ao marido cabia o papel de provedor do lar; mesmo que a esposa exercesse uma atividade rendosa, a figura masculina era ressaltada como a principal, mesmo estando ao seu lado em todas as conquistas e dificuldades, ela permanecia oculta, o que pode ser compreendido como mais um traço genuíno culturalmente adquirido, reforçando a frase: “Fizeram-se notadas pelo ‘saber vasto e profundo’, sempre se mantendo a sombra e no silêncio” (BERRINI & SCARANO, 1992:176). A ela cabia gerar e educar os filhos, mantendo-os sempre junto de si e zelando pelo seu futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Orais

- Helena Lopes Barbosa – nascida em 1925, no bairro da Saúde, São Paulo, filha de imigrantes portugueses da região do Porto, solteira e religiosa –, entrevistada em 03/03/2005.
- Maria de Fátima Costa, (Fátima) – nascida em 1945, no bairro do Tucuruvi, São Paulo, filha de imigrantes portugueses da região de Trás-os-Montes, dona-de-casa, casada e não tem filhos –, entrevista realizada em 24/12/2004.
- Benigna de Lourdes Carminhati, (Viga) – nascida em 1932, em Avandava, interior de São Paulo, filha de imigrantes portugueses da região de Vila Nova de Gaia, casada, têm três filhos, sete netos e uma bisneta, dona-de-casa –, entrevista realizada em 22/04/2005.
- Clara da Conceição Gonçalves, (Clarinha) – nascida em 1932, no bairro do Pari, São Paulo, filha de imigrantes portugueses da região de Trás-os-Montes, casada, têm cinco filhos e dez netos, dona-de-casa –, entrevista realizada em 08/01/2005.
- Glória Gonçalves, (Glorinha) – nascida em 1935, no bairro do Pari, São Paulo, filha de imigrantes portugueses da região de Trás-os-Montes, solteira, têm duas filhas, dona-de-casa –, entrevista realizada em 02/02/2005.

Bibliografia

ALVES, R. A. **O que é Religião**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

AMERICANO, J. **São Paulo, Naquele Tempo (1895-1915)**. São Paulo: Carbono 14, 2004.

BEIGUELMAN, P. **A crise do escravismo e a grande imigração**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BERRINI, B.; SCARANO, J.. “Imigrante Português/ Empresário Paulista.” In: **Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo (1912-1992)**. São Paulo: Gráfica Brasileira, 1992.

BOSI, E. **Memória e Sociedade (Lembranças de velhos)**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- BRETTELL, C. B. **Homens que Partem Mulheres que Esperam**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- CARDOSO, F. H., “A estrutura da indústria de São Paulo após 1930.” In: **Revista Educação e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, ano V, vol.7, n.13, 1960.
- DEAN, W. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: DIFEL, s/d.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- FENELON, D. et. al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004.
- HOBBSBAWN, E., **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MATOS, M. Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- NIGRIELI, A. **Conservar para desenvolver**. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais urbanas), FAU, USP-SP, 1987.
- PRADO, D. **Esposa: a mais antiga profissão**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RODRIGUES, J. M.. **A mulher operária (um estudo sobre tecelãs)**. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- TABORDA, V.. **Alto Trás-os-Montes - Estudo Geográfico**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- THOMSON, A. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as Memórias.” In: **Projeto História**. nº15. São Paulo: EDUC, 1997.
- VERÁS, M. P. B. **O bairro do Brás em São Paulo: Um século de transformações no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC-SP, 1991.